

COMUNICAÇÃO: TEORIA E PROCESSO E SUA APLICAÇÃO NO MAGISTÉRIO

ADÍSIA SÁ

Quase sempre deixamos de falar sôbre determinado assunto partindo do pressuposto de que êle é óbvio. Irrelutante portanto, a sua abordagem, a sua discussão.

O óbvio precisa, muitas vêzes, ser mostrado, explicitado, dissecado, para ser conhecido.

O educador — sua formação e objetivos, por exemplo, é tema considerado tão claro, tão evidente, tão óbvio, que parece redundância alguém nêle envolver-se.

“Tôda e qualquer profissão que envolva certa dose de responsabilidade social supõe nos que a exercem um cuidadoso preparo no ramo especializado da cultura referente a êsse campo profissional.” (1)

Algumas pessoas dirão: mas isto é óbvio.

Veremos que nem sempre êste óbvio é real, praticado, exercitado, feito.

Ainda hoje, a despeito da existência de Escolas de Educação e Faculdades de Filosofia, improvisa-se professor de ensino primário e de nível médio. Quanto ao ensino superior, a fábrica de professores tem uma produção impressionante e funciona à base de nomeações amigáveis e até mesmo de concurso. Concurso onde quase sempre não é feita a necessária avaliação da capacidade didática, eu diria, comunicadora, dos futuros mestres.

Não se estranha, então, que a escola seja uma fonte de enfadonhas e repetidas lições, cansativas e estereotipadas lições, onde o passado é ostensivamente arrastado e impôsto ao presente.

(1) Luís Alves de Mattos, **Sumário de Didática Geral**, Rio de Janeiro, Gráfica Editôra Aurora, 1964, p. 25.

A escola tem sido uma “lenga-lenga” de informações e uma brincadeira de faz-de-conta-de-preparação para a vida.

Outro óbvio: vivemos numa civilização em mudanças e a Educação não está sendo o que Kilpatrick desejava — “Processo pelo qual adquirimos os nossos modos de comportamento.” (2)

Mas, nem todos os que vivem do magistério e para o magistério assim pensam, assim interpretam e assim encaram o problema.

A Educação sistemática, e é sobre ela que falamos, requer uma preparação daquele que a vai ministrar ou manipular, ou seja, o professor — comunicador escolar.

Educação é ciência da Comunicação e a escola é o ponto de encontro das gerações adultas com as mais novas. Não há de ser a Educação, então, uma transmissão pura e simples da cultura (ensino, instrução, tradição, valores) e, sim, perene comunicação.

“Comunicação como processo de transmissão e recuperação de informes.” (3)

A Educação é uma das formas mais ricas e expressivas da comunicação. Comunicação como sinônimo de interação pessoal e social ou “influências recíprocas que os seres humanos exercem uns sobre os outros através da interestimulação da resposta”, na frase feliz de Noel Gist e citado por Eugene e Ruth Hartley. (4)

A Educação, repitamos, é uma ciência da informação e, como tal, não pode fugir à teoria e ao processo da Comunicação.

Teoria da comunicação

Comunicação é o processo de transmitir uma informação...

Desta conceituação tiramos os elementos da Comunicação.

Comunicar é transferir uma mensagem de uma fonte de informação a um destinatário. (5)

Fonte de informação ou transmissor — **TRANSMISSOR** ou emissor ou comunicador.

MENSAGEM ou informação.

A um destinatário ou **RECEPTOR**.

Temos, então:

Transmissor — Mensagem — Receptor.

Mas, transmitir uma mensagem exige um outro elemento: canal ou veículo ou **MEIO**.

- (2) Kilpatrick — **Educação Para Uma Civilização em Mudança**, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1965, p. 44
- (3) José Marques de Melo — **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**, Petrópolis - RJ, Editôra Vozes, 1970, p. 34.
- (4) Eugene e Ruth Hartley — **Meios de Comunicação de Massa**, São Paulo, Editôra Cultrix, 1970, p. 36.
- (5) Charles Redfield — **Comunicações Administrativas**, Rio de Janeiro, Centro de Publicações da Aliança Para o Progresso, 1967, p. 6.

Temos, assim, mais um componente da Teoria da Comunicação: Transmissor — Mensagem — Receptor — Meio.

Tôda mensagem há de sair de um transmissor para um receptor, empregando um veículo ou meio. Mas a mensagem carece de código ou signos ou símbolos ou linguagem.

Daí o princípio: não existe comunicação sem informação, como não existe informação sem linguagem.

A Comunicação, teoricamente, compreende duas fases:

- a) transmissão de informações
- b) recepção de informações

O prof. José Marques de Melo assim desenvolve este item:

“A primeira etapa compreende a atividade desenvolvida por pessoas ou entidades (comunicadores) no sentido de transmitir conteúdos (mensagens) utilizando instrumentos específicos (canais) destinados a outras pessoas, a outras entidades ou coletividades (receptores).

“A segunda etapa refere-se ao recolhimento daquelas mensagens transmitidas, e que assumem genericamente o caráter de informações ocasionais, reaproveitando-as para posterior difusão de novas mensagens.” (6)

Processo de comunicação

Mas, Comunicação é processo, isto é, interação ou, como diz ainda José Marques de Melo — “o processo da Comunicação dispõe, assim, de natureza dinâmica e ininterrupta, cujas fases apresentam uma interação cíclica”. (7)

Significa dizer que “a dinâmica desses elementos, a sua movimentação coerente permitem o intercâmbio de idéias e constituem o circuito da Comunicação Humana”. (8)

Importante, convém que se diga, é seguir o conselho de Berlo: “Melhor análise dos ingredientes da Comunicação, dos elementos que parecem necessários (se não apenas suficientes) para que haja a Comunicação. Precisamos ver elementos tais como: quem está comunicando, por que está comunicando e com quem está se comunicando. Precisamos ver os comportamentos da Comunicação: as mensagens produzidas, o que as pessoas procuram comunicar. Pre-

(6) José Marques de Melo — obra citada, p. 55/56

(7) José Marques de Melo — obra citada, p. 56.

(8) J. R. Whitaker Penteado — **A Técnica da Comunicação Humana**, São Paulo, Livraria Pioneira Editôra, 1964, p. 10.

clisamos observar o estilo, a forma como as pessoas tratam suas mensagens. Precisamos examinar os meios de Comunicação, os canais que as pessoas usam para que as suas mensagens cheguem aos ouvintes, aos leitores. Em resumo: precisamos alistar os elementos do processo da Comunicação que devemos levar em conta quando a) iniciamos a comunicação b) respondemos a comunicação ou c) servimos como observadores ou analistas da comunicação.” (9)

No processo da Comunicação não existe um elemento impassível, indiferente e que não sofra a influência dos outros. A comunicação é interação.

Berlo diz muito bem que a “Comunicação compreende freqüentemente a interdependência de ação e reação. A ação da fonte afeta a ação do receptor e a reação do receptor afeta a subsequente reação da fonte etc. Fonte e receptor podem utilizar as reações do outro. As reações servem como realimentação”. (10)

O grande objetivo da Educação é formar o educando para a vida em comunidade. Significa dizer que a Educação é, também, processo, isto é, dinâmica, cíclica.

O educador, então, há de trabalhar dentro desta mentalidade ou visão ou consciência de que vive em processo, em dinâmica, em mudança, ciclicamente em interação.

O educador há de constatar que Educação, como comunicação, “é um processo tanto de dar como de receber. Logo que um emissor lança sua mensagem ela provocará uma reação da parte do receptor. Então, o emissor recebe de volta o efeito de sua mensagem. A esse fato chama-se ação ou efeito de retorno. Autores ingleses, primeiramente em eletrônica e cibernética, designaram essa ação de retorno com o nome de **feed-back**, literalmente “realimentação”, ação de realimentar o processo de volta. A mesma noção passou a ser utilizada depois em psicologia da aprendizagem, como na psicologia aplicada, em geral”. (11)

Aplicação no Magistério

Inicialmente eu disse que, a despeito da existência de Escolas de Educação e de Faculdades de Filosofia, persistia a improvisação de professores. As conseqüências desta improvisação são incalculáveis, tanto no sentido qualitativo, quanto quantitativo do ensino.

(9) David K. Berlo — **O Processo da Comunicação**, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1970, p. 33.

(10) David K. Berlo — obra citada, p. 103.

(11) Agostinho Minicucci — **Dinâmica de Grupo na Escola**, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1970, p. 26.

O professor despreparado para a sua missão não pode levar os objetivos da Educação às suas aplicações na escola, pela falta do instrumental necessário a esta tarefa.

Quando trouxe o problema do magistério para uma análise no campo da Comunicação, tinha plena consciência desta atitude.

Ao abordar a Comunicação, primeiro sob o ângulo teórico, constatei:

- 1) existe um comunicador com obrigação de transmitir u'a mensagem a um transmissor;
- 2) para que a mensagem atinja o receptor precisa o comunicador conhecer o receptor;
- 3) a mensagem, para produzir o estímulo necessário à mudança de comportamento ou aprendizagem do receptor, há de ser convenientemente transmitida, ou seja, através de uma linguagem dosada a êste mesmo receptor;
- 4) a mensagem pode ser transmitida através de veículos ou canais outros, também considerados como forma de expressão ou linguagem não articulada, mas sempre signos ou símbolos ou auxiliares do ensino e técnicas.

X De tudo isto se conclui que o transmissor ou comunicador escolar ou professor há de ser um indivíduo altamente especializado, adestrado para o papel que desempenhará. O comunicador escolar ou professor tem que possuir um instrumental de alto nível, tanto sob o aspecto cultural como didático, psicológico, independente da disciplina que ministra. E tais conhecimentos não nascem espontaneamente: são filhos de uma aprendizagem sistemática, adquirida em estabelecimentos competentes.

X O professor é um "trabalhador provido de experiência educada". (12) O professor há de possuir, então, uma formação e uma experiência educadas e isto é possível nas Escolas de Educação e nas Faculdades de Filosofia. Não pode o professor ser improvisado. Por mais erudito e mesmo culto que seja um homem, sem o instrumental técnico indispensável a qualquer profissão, jamais será um trabalhador e, no caso em discussão, um professor.

O professor há de conhecer Psicologia para melhor levar sua mensagem ao educando, motivando-o ou condicionando-se, êle mesmo professor, às reações de seus discípulos.

O professor há de conhecer técnicas de ensino e saber manipular todos os recursos ao seu alcance, para promover a aprendizagem de seus discípulos.

(12) Ricardo Nassif — **Pedagogia de Nosso Tempo**, Petrópolis — RJ, Editora Vozes, 1968, p. 141.

O comunicador escolar não deve saber apenas a sua disciplina: precisa de outros conhecimentos e tem de ser dotado de noções instrumentais as mais variadas, como Psicologia Humana, Psicologia da Aprendizagem, Psicologia do Comportamento, Psicologia Social, Teoria da Comunicação e Didática.

O professor improvisado, ao enfrentar situações com seus alunos sem o instrumental referido, sairá à cata de soluções de oitiva, empíricas, geralmente destruidoras de toda tarefa educativa.

Aquilo que se poderia, pejorativamente, chamar de “teorias”, no momento exato, nas situações, na realidade, toma forma e auxilia o mestre na sua tarefa.

Por curiosidade vejamos quadros demonstrativos da velha didática ou didática tradicional, e da didática moderna, ensino programado e didática em comunicação.

Explicando melhor, vejamos os chamados elementos ou âmbito da Didática ou componentes fundamentais da situação de ensino que a Didática procura analisar (13) e a resposta ou solução apresentada pelos tipos de didática acima referidos:

- 1 — o educando
- 2 — o mestre
- 3 — os objetivos do ensino
- 4 — as matérias de ensino
- 5 — o método de ensino

Na didática tradicional o professor era o centro da escola e do ensino e da Educação; o aluno era passivo, mero receptor do saber ditado pelo mestre; e o objetivo era utópico, não correspondia às realidades do educando e do meio; a matéria era de um valor absoluto e ao arbítrio do professor e o método era a autoridade do mestre: professor impõe.

Na didática moderna o aluno passou a centro da escola: o mestre é o seu incentivador e orientador da aprendizagem; o objetivo é orientado ao grau de maturidade do aluno; a matéria de ensino está em função do aluno; o método é o instrumento maior do mestre na aprendizagem do aluno: aluno escolhe.

No ensino programado “aprender é tarefa que o aluno tem que cumprir por si mesmo”. (14) “Aprender é um embate direto entre o aluno e a matéria.” (15) “A tarefa do professor não se refere, portanto, nem ao aluno, nem à matéria a ser ensinada, mas sim à relação entre ambos. É para o debate entre o estudante e aquilo que

(13) Luís Alves de Mattos — obra citada, p. 54.

(14) Hans Schiefele — **Ensino Programado**, São Paulo, Edições Melhoramentos. 1968, p. 32.

(15) Hans Schiefele — **idem, ibidem.**

deve ser estudado, seja o que fôr que se entenda por isto, que deverá ser dirigida a atenção do professor. Ele não é representante da matéria. Ele não pode aprender nada pelo aluno. Sua única preocupação deve ser a de que a matéria seja aprendida por seus discípulos.” (16)

“No ensino programado o aluno fica sem parceiro vivo. A máquina didática, já em parte por sua apresentação, tem como efeito isolar o aluno. Cada qual está a sós com sua máquina, sua matéria e seus problemas. É realmente possível transmitir conhecimentos sobre condições sociais, sobre atitudes e comportamentos socialmente desejáveis, através de programas e máquinas.” (17)

Ou, noutras palavras, no ensino programado o binômio é “aluno-matéria” e o professor tem “papel de direção social”.

Comunicação e Magistério

X Estou mostrando a conveniência do conhecimento da Teoria da Comunicação pelo professor e a aplicação do Processo da Comunicação no magistério.

No processo da comunicação todos os elementos da Didática são importantes e se completam:

O professor, como “pessoa que ensina não pode ser substituída em suas funções de motivadora e assim também nos demais domínios em que se trate de aprendizagem social, porque aí a interação pessoal, a imitação, o exemplo, são condições capitais”. (18)

O professor, na dinâmica da Comunicação, é, às vezes, a própria mensagem: sua indumentária, seus gestos, sua voz, tudo entra na interação e serve para ligar ou desligar o aluno do processo ou, como diria McLuhan: “mudanças de tom e atitude são requeridas em diferentes estações e ocasiões a fim de manter a situação sob controle”. (19)

O professor não é escravo da técnica, de métodos pré-estabelecidos: êle é um motivador e, como tal, deve estar constantemente atento às reações dos alunos. Como o todo do professor entra como forma de comunicação, o todo do aluno também é forma de comunicação.

McLuhan tem uma expressão interessante e que nos serve, agora: “A indiferença é o preço da eterna vigilância.” (20) O que vale dizer que qualquer gesto ou atitude do aluno deve servir como mensagem ao professor, inclusive o silêncio, inclusive o gêlo...

(16) Hans Schiefele — *idem*, *ibidem*.

(17) Hans Schiefele — obra citada, p. 81.

(18) Hans Schiefele — obra citada, p. 73.

(19) McLuhan — **Os Meios de Comunicação Como Extensão do Homem**, São Paulo, Editora Cultrix, 1969, p. 45.

(20) McLuhan — obra citada, p. 13.

Nada acontece em vão numa sala de aula ou num encontro professor-aluno: voz, gesto, linguagem verbal, auxiliares de ensino, tudo atinge o aluno e vice-versa, tudo atinge o professor.

J. Alves Garcia assim se expressa: "O ensino se quiser as conclusões da Psicologia há de ser sempre que possível, multissensorial, isto é, interessar o maior número de órgãos dos sentidos." (21)

Ninguém deve esquecer que hoje, como sempre, "o meio é a mensagem", isto é, tudo que nos envolve comunica algo. O mesmo dissera Sertillanges: "Uma comunicação do exterior provoca um despertar de nós mesmos. Sem isto, não seríamos mais que noite e trevas."

A Ciência da Comunicação conta com a cobertura de ciências e artes afins e a sua aplicação ou processo requer uma boa dose de conhecimentos destas mesmas ciências e artes afins.

A educação é uma ciência da comunicação, já disse, e, como tal, há de ser racionalmente manipulada ou, como diz McLuhan, "nós estamos entrando na era da Educação, que passa a ser programada no sentido da descoberta, mais do que no sentido da instrução". (22)

Ao comunicador escolar ou professor, como vemos, cabe uma elevada missão neste processo de Educação.

A mensagem (aula, disciplina, matéria, instrução, programa) haverá de ser conduzida objetivamente ao receptor (aluno, classe, turma) levando-se em consideração as suas realidades e finalidades.

O ensino não pode, então, estar separado dos interesses e comportamento do educando, tampouco do meio em que se vive e das finalidades do ensino em si ou objetivos da Educação.

O que se ensina ou disciplina então, nesta temática, não é dogma de fé para ser impôsto: é um instrumento de transmissão ou conhecimentos transmitidos, sob forma de hábitos e valores. Significa dizer que ao mestre compete dosar a transmissão de sua disciplina sem a preocupação de dar-por-dar o seu recado em período predeterminedo. Programa é limitação de área de disciplinas, é um roteiro a ser racionalmente aproveitado pelo mestre, jamais um catecismo a ser decorado pelo mestre ou pelo aluno.

Quanto ao veículo ou meio ou instrumento ou auxiliar ou canal de que o professor pode servir-se, o mesmo se tem a dizer.

Se outrora (hoje, ainda) professores se apegavam totalmente às técnicas de ensino, aos recursos auxiliares com prejuízos para sua tarefa e para a aprendizagem do aluno, é possível, agora, uma libertação disto.

(21) J. Alves Garcia — **Princípios de Psicologia**, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editôres, 1956, p. 120.

(22) McLuhan — obra citada, p. 13.

O método (auxiliar de ensino, técnica) é um instrumento de que pode se servir o professor — jamais um condutor do mestre.

Significa dizer que ao professor cabe empregar todos os recursos para transmitir sua mensagem aos alunos, sabendo utilizar tudo no momento oportuno. A própria voz do mestre é um instrumento de significação no processo da comunicação.

O olhar do professor tem papel significativo na interação.

O uso do quadro, de gráficos, de projetor de imagens, tudo pode ser eficientemente manipulado pelo professor entendido na sua arte.

Tudo isto a que me referi, em mãos não hábeis e em mestres não educados para tal função, tudo isto pode desviar, distorcer a mensagem educativa e destruir a figura do educador.

Tudo isto, todavia, empregado por pessoas instruídas ou educadas para tal missão, tudo isto produz resultados incalculáveis, isto porque ultrapassam ao tempo e não são julgados pelo presente, inclusive pelos que foram beneficiados com a sua ação.

Magistério e comunicação

Há quem pergunte, por exemplo, se é possível aplicar o processo da Comunicação em determinadas disciplinas.

Tais pessoas estão prêsas, pelo visto, à triplice visão dos objetivos das disciplinas ou aulas:

- informativas
- formativas
- de automatização.

Para essas pessoas será possível o emprêgo do processo da Comunicação nas chamadas disciplinas “informativas” e até mesmo nas de “automatização”. Jamais nas de caráter “formativo”.

Ora, antes de mais nada convém falar noutro óbvio: a comunicação é inerente ao homem, é inextirpável do homem. O homem se comunicou e sempre se comunicará. O que estamos defendendo, por isto mesmo, é o emprêgo do processo da comunicação no magistério.

A comunicação, por finalidade, visa a formar comportamento novo e a modificar comportamento velho no indivíduo. Cabe ao professor aplicar, cientificamente, o processo da comunicação na sala de aula, no contato com o aluno.

Tôdas as disciplinas — “humanidades”, “artes” ou “ciências” — podem ser conduzidas ao aluno no processo da comunicação.

Ao professor compete, acima de qualquer coisa, saber o que quer comunicar: biologia, filosofia, matemática, história etc.

Depois, então, deve atentar para “o como” comunicar ou transmitir esta disciplina aos alunos.

De qualquer maneira, diga-se assim, o professor estaria se comunicando com o aluno ao dar sua aula; o que sugerimos, repito, é o emprêgo da teoria e do processo da Comunicação para melhor rendimento desta interação.

Há professores que “esquecem a influência que querem exercer sobre os alunos e concentram-se em “dar tôda a matéria” ou “preencher cinqüenta minutos” três vêzes por semana”. (23)

Imideo Nérici diz “que os professores se convençam de que lecionam uma disciplina como pretexto para se aproximarem do educando, a fim de promoverem a sua educação”. (24)

A consciência desta missão é de capital importância para os que desejarem empregar o processo da comunicação no magistério.

O processo da comunicação não é — estou sempre no óbvio — técnica ou método didático.

A profa. Irene Estêvão de Oliveira diz bem: “A parte referente ao ensino pròpriamente dito vai abranger um ou vários métodos, e diferentes procedimentos ou técnicas didáticas”. (25)

Significa dizer, em síntese, que cabe ao professor usar o melhor meio para levar sua mensagem ao aluno — para que se processe, real e eficiente, a comunicação.

B I B L I O G R A F I A

1. AEBLI, Hans, — **Prática de ensino**, trad. de Maria Teresinha de Oliveira Huland, Petrópolis, Editôra Vozes, 1970, 287 p.
2. BERLO, David K. — **O processo da comunicação**, trad. de Jorge Arnaldo Fortes, Rio de Janeiro, Editôra. Fundo de Cultura, 1970, 266p.
3. GARCIA, J. Alves — **Princípios de psicologia**, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editôres, 1956, 364 p.
4. HILPATRICK, W. H. — **Educação para uma civilização em mudança**, trad. da profa. Noemy S. Rudolfer, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1965, 92 p.
5. MATTOS, Luís Alves de — **Sumário de didática geral**, Rio de Janeiro Gráfica Editôra Aurora, 1964, 524 p.

(23) David K. Berlo — obra citada, p. 21.

(24) Imideo Nérici — **Introdução à Didática Geral**, Rio de Janeiro, Editôra Fundo de Cultura, 1965, p. 83.

(25) Irene Estêvão de Oliveira — “A Atividade Docente: Seus Diferentes Aspectos” in **Curriculum**. Rio de Janeiro, v. 9, n.º 3, pp. 1/92 — jul-set 1970.

6. MCLUHAN, Marshall — **Os meios de comunicação como extensão do homem**, trad. de Décio Pignatari, São Paulo, Editora Cultrix, 1969, 407 p.
7. MELO, José Marques de — **Comunicação social: teoria e pesquisa**, Petrópolis, Editora Vozes, 1970, 318 p.
8. MINICUCCI, Agostinho — **Dinâmica de grupo na escola**, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1970, 216 p.
9. NASSIF, Ricardo — **Pedagogia de nosso tempo**, trad. de Diva Vasconcelos da Rocha, Petrópolis, Editora Vozes, 1968, 165 p.
10. NÉRICI, Imideo — **Introdução à Didática Geral**, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1965, 488 p.
11. OLIVEIRA, Irene Estêvão de — **A atividade docente: seus diferentes aspectos**, Curriculum. Rio de Janeiro, v. 9, n.º 3 p. 1/92, jul. set. 1970.
12. PENTEADO, J. R. Whitaker — **A técnica da comunicação humana**, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1964, 332 p.
13. REDFIELD, Charles E. — **Comunicações administrativas**, trad. de Sylla Magalhães Chaves, Rio de Janeiro, Centro de Publicações da Aliança Para o Progresso, 1967, 285 p.
14. SCHIEFELE, Hans — **Ensino programado**, trad. de Else Kalmuns, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1968, 178 p.
15. SCHRAMM, Wilbur, et alii — **Panorama da comunicação coletiva**, trad. de Carlos A. de Freitas Almeida, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1964, 130 p.